



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA

MATHEUS DA SILVA NONATO

**A Periferia no Papel: Narrativas de Legitimação Política no Jornal Diário do Pará
(1982–1985).**

BELÉM

2025

MATHEUS DA SILVA NONATO

A Periferia no Papel: Narrativas de Legitimação Política no Jornal Diário do Pará (1982–1985).

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de História, Campus Guamá da Universidade Federal do Pará, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda

BELÉM

2025

A Periferia no Papel: Narrativas de Legitimação Política no Jornal Diário do Pará (1982–1985).

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de História, Campus Guamá da Universidade Federal do Pará, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda

Data de aprovação: 12/09/2025

Conceito: EXCELENTE

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda (Orientadora)
Faculdade de História/PPHIST/IFCH/UFPA

Prof. Me. Alan da Silva Dias (Avaliador)
Faculdade de História/PPHIST/IFCH/UFPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força, sabedoria e coragem que me sustentaram durante toda esta caminhada acadêmica.

Este trabalho é também fruto de um período de grandes desafios, especialmente diante das dificuldades enfrentadas durante a pandemia, que exigiram resiliência, adaptação e esperança para seguir em frente. Expresso minha sincera gratidão à professora Franciane Gama, pela orientação, paciência e dedicação, que foram essenciais para a realização desta monografia. Aos meus colegas de classe, Rosy Ferreira, Alan Batista e principalmente Aymê Jilvana pela amizade, incentivo e partilha de experiências ao longo do curso de História, deixo meu reconhecimento e apreço.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores da Faculdade de História, que com compromisso e dedicação contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal, deixando ensinamentos que levarei para toda a vida. Em especial, agradeço ao professor Jorge Paulo Watrin, cuja dedicação e exemplo foram marcantes na minha formação como Historiador. Deixo registrado também meu agradecimento a Rosana Carvalho, pelas orações, a Giovanna Moraes, pelo companheirismo, à minha irmã Natália, assim como a todos os meus amigos e colegas que, de diferentes formas, estiveram presentes e contribuíram nesta caminhada acadêmica e pessoal.

E por fim, agradeço profundamente aos meus pais, Nivaldo Nonato e Marinalva Nonato, pelo apoio incondicional, amor e incentivo em todos os momentos.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse possível, o meu muito obrigado.

“Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.”

Salmos 136:1

RESUMO

Este trabalho investiga as representações das periferias de Belém no jornal *Diário do Pará* entre 1982 e 1985, período marcado pela transição política do fim da ditadura civil-militar e pela ascensão de Jader Barbalho ao governo estadual. A pesquisa utilizou como fonte principal o acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, analisando reportagens, editoriais e imagens que retratam as demandas populares, especialmente relacionadas à moradia, infraestrutura e serviços urbanos. O objetivo central é compreender como o *Diário do Pará* construiu as narrativas sobre a periferia belenense e de que maneira essas representações se relacionaram com o processo de legitimação política do grupo liderado por Jader Barbalho. O estudo parte da compreensão de que o jornal não atua como mero transmissor de informações, mas como espaço de produção discursiva, de disputas narrativas e de construção de memórias sociais, conforme a perspectiva de Marialva Barbosa, para quem os documentos jornalísticos são também monumentos de memória atravessados por intencionalidades. A análise revelou que o *Diário do Pará* desempenhou papel ativo na legitimação do projeto político dos Barbalho, articulando a imagem do “povo pobre” como recurso simbólico para sustentar sua narrativa. Conclui-se que a cobertura das periferias pelo jornal esteve menos ligada a uma denúncia da exclusão urbana e mais a uma estratégia de legitimação política, em que o discurso sobre o povo foi instrumentalizado como mecanismo de construção da autoridade governamental. O trabalho reafirma, assim, a necessidade de uma leitura crítica e da problematização das fontes jornalísticas, compreendendo-as como artefatos de poder e memória, centrais para o estudo da história social e política.

Palavras-chave: imprensa; periferia; Belém ; memória; discurso político.

SUMÁRIO

1. Considerações Iniciais	7
2. <i>Contexto político de 1982 e a criação do Diário do Pará</i>	10
3. Um jornal para o “povo pobre e sofrido dos subúrbios de Belém”	14
4. Da promessa de proximidade à agenda governista: o “Diário” e Jader no poder.	18
5. Periferias no discurso, Barbalhos na imagem.....	20
6. Demandas periféricas: moradia e desafios urbanos em foco.....	27
7. Considerações Finais.....	32
FONTES.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1. Considerações Iniciais

Nas complexas teias da história, as narrativas, em muitos casos, se entrelaçam dentro das páginas dos jornais impressos, captando os reflexos de diferentes grupos sociais, que vivem em constantes transformações no tempo. Diante disso, esse artigo busca oferecer um olhar historiográfico sobre como eram feitas as representações da periferia de Belém e as suas demandas populares, entre os períodos de 1982 a 1985, nas folhas do Jornal Diário do Pará. O período contemplado se localiza em um recorte complexo do Brasil, marcado pelos anos finais da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), com processo de abertura política e redemocratização.

Assim, o artigo propõe trazer um olhar histórico da chamada periferia belenense¹ a partir da perspectiva do jornal, reconhecendo que os meios de comunicação impressos são mais do que simples transmissores de informação: são espaços de produções de discursos, de disputas de narrativas, de produções de sentidos e de construções de imagens sociais, resumindo, são espaços de poder. De acordo com Barros (2022):

Parte significativa das fontes escritas utilizadas pelos historiadores é constituída pelo que podemos chamar de discursos: textos emitidos por um autor – seja individual, institucional ou coletivo – que elaboram e encaminham determinadas mensagens visando certos setores de públicos receptores ou o atendimento a determinada finalidade no seio da sociedade em que se insere o texto. Uma carta pode ser dirigida a um único leitor; um diário pode ser dirigido a si mesmo; um jornal pode visar milhares ou milhões de leitores; um edito governamental pode alcançar o gerenciamento de uma população nacional inteira. (BARROS, 2022, p.81).

A reflexão de Barros destaca que parte das fontes escritas com que o historiador trabalha são, na verdade, discursos produzidos intencionalmente para comunicar algo a um público específico e cumprir uma função social definida. Esses textos não são neutros; carregam as marcas das intenções de seus autores — sejam eles indivíduos, instituições ou coletivos — e são moldados pelos interesses, valores e contextos históricos nos quais foram elaborados. Como afirma Marialva Barbosa (2000), no livro “Os Donos do Rio. Imprensa, Poder e Público.” Todo documento também é um monumento de memória, ela aponta que cada registro escrito, seja ele oficial ou jornalístico, carrega intencionalidades, marcas de disputas

¹ O termo refere-se a bairros mais afastados das áreas mais urbanizadas da cidade. Adotou-se essa denominação por ser a que aparece nos jornais pesquisados conforme poder-se-á observar ao longo do texto. De acordo com o jornal pesquisado pode-se citar como exemplo bairros como: Cremação, Jurunas, Jaderlândia.

e relações de poder. Dessa forma, o documento torna-se um espaço estratégico de construção da memória coletiva, funcionando ao mesmo tempo como instrumento de registro e de hegemonia simbólica. De acordo com Barbosa (2000), o documento antes de tudo é um produto da sociedade que o fabricou, um produto social, elaborado de acordo com as relações de força e interesses daqueles que detêm o poder.

Segundo Tânia de Luca (2008), entende-se que a análise do historiador sobre os jornais deve recorrer a ferramentas da análise do discurso (AD), pois o texto jornalístico não pode ser visto como uma representação linear e imediata do acontecimento. O discurso da imprensa é construído a partir de escolhas e enquadramentos, atravessados por hierarquias, pela maior ou menor visibilidade que um tema recebe ao ser retomado ou abandonado nos dias seguintes. Além disso, a análise discursiva permite observar como os sentidos se constroem não apenas pelo conteúdo verbal, mas também pelos recursos tipográficos, imagens e estratégias de ênfase, que revelam tanto os interesses do jornal quanto o público a que se dirige. Nesse sentido, o historiador compreende o jornal não como um reflexo neutro da realidade, mas como um discurso que participa ativamente da produção de significados e da disputa pela memória social.

Assim como um diário pessoal revela mais sobre a subjetividade de seu autor do que sobre os fatos que relata, ou como um editor governamental é uma ferramenta de poder administrativo, o jornal funciona como um espaço de mediação entre fatos e interpretações. Ele escolhe quais temas merecem destaque, quais serão omitidos ou minimizados e como serão narrados — práticas que moldam a percepção da realidade por parte de milhares de leitores. Como afirma Barros (2022):

Variando nos gêneros de discurso – e, portanto, nas suas especificidades e metodologias que podem ser a eles aplicadas – todos esses tipos de textos, e inúmeros outros, precisam ser analisados com criticidade – com a capacidade de entendê-los como discursos que representam interesses, posições sociais, visões de mundo, demandas culturais, ideologias, lances circunstanciais nos jogos de poder, ambições políticas ou econômicas, esforços de enquadramento da população em sociedades disciplinares, interesses de dominação e gestos de resistência a poderes rivais. (BARROS, 2022, p.81).

Desse modo, a análise crítica desses textos exige que o historiador investigue não apenas o que está dito, mas também o que foi omitido, os enquadramentos narrativos utilizados e as motivações por trás da escolha das pautas. Isso implica reconhecer que todo discurso é

também um artefato político e ideológico, situado nas disputas de poder e nas tensões culturais de seu tempo. Segundo Marialva Barbosa (2000):

Nesse sentido, também, os jornais cumprem a "missão" não apenas de disseminar idéias, mas ao transportar o relato da narrativa para o nível do real, são responsáveis pela criação de uma outra realidade.

Ao mesmo tempo que materializam o Estado, tornando pública a sua simbologia e ideologia política, esses periódicos, ao narrar as ações, criam contextos para a descrição, referendando convenções que passam a ser interpretadas significativamente de uma forma ou de outra. Estado, hegemonia e cultura são dimensões. (BARBOSA, 2000, p.116)

Com isso, os jornais não apenas comunicam fatos ou opiniões, mas atuam ativamente na criação de realidades sociais. Quando uma narrativa jornalística é apresentada como relato “do real”, ela confere legitimidade ao que é narrado, transformando o discurso em uma forma de realidade socialmente reconhecida. Dessa forma, o jornal não é apenas espelho, mas também ator que intervém no modo como a sociedade percebe a si mesma. Ao “materializar o Estado”, os periódicos cumprem a função de tornar públicas suas simbologias e ideologias, difundindo seus valores..

O artigo procura discutir como eram retratadas as realidades urbanas da periferia da cidade pela lente e filtro do jornal, a decisão de trazer o Jornal Diário do Pará como objeto central de estudo não é meramente ocasional, mas sim proposital, principalmente pelo contexto político que permeou e objetivou a sua criação(ascensão política do Jader Barbalho e a sua consolidação política). Busca-se uma avaliação sobre os editoriais, fotografias veiculadas e reportagens sobre as periferias Belenenses, para entender as particularidades dessa população através daquilo que foi escrito, que foi retratado e de como foi retratado.

Outrossim, o jornal é aqui tratado como um campo de visibilidade. É através dele que se pode perceber o modo como determinados territórios urbanos e suas populações foram socialmente significados e ressignificados, associados a ideias de insegurança ou abandono. De acordo com Barros (2021):

Para ter de fato um ponto de vista historiográfico sobre os jornais, é preciso compreender mais a fundo o que eles são no seu dia a dia, no mundo da cultura, no interior da sociedade que os gera e reatualiza como uma forma específica de

comunicação, informação, poder e instrumento de sociabilidade. (Barros, 2021, p.2).

Diante disso, é necessário entender o papel que os jornais desempenham no cotidiano, na cultura e na sociedade em que são produzidos - Portanto, analisá-los historicamente exige levar em conta seu contexto social, cultural e político. A cidade que é construída e discutida das páginas do jornal é, portanto, uma cidade mediada, filtrada, construída discursivamente — e por isso mesmo, digna de análise crítica, é um espaço contrastante, conflituoso, antagônico e cheio de contradições.

2. Contexto político de 1982 e a criação do Diário do Pará

Segundo Bastos (2020), desde os anos 1960, os políticos Alacid Nunes e Jarbas Passarinho ocupavam posições centrais na política paraense. Uma das principais tensões entre os dois se deu em 1979, quando Alacid Nunes foi nomeado governador do Pará — cargo almejado por Passarinho. Essa disputa ilustra as divisões existentes entre os próprios militares durante o período final da ditadura, conforme apontado por Napolitano (2014), que identificou dois grupos principais: os “linha dura”, mais autoritários, e os “castelistas”, defensores de uma intervenção militar com caráter institucional e temporário. Jarbas Passarinho, embora nascido no Acre, foi um dos políticos mais influentes do Pará e manteve laços estreitos com a ala mais rígida do regime. Sua permanência no poder, porém, dependia do apoio das cúpulas militares, o que nem sempre se deu de forma tranquila. Por sua vez, Alacid Nunes, político de origem belenense, consolidou sua carreira como prefeito da capital, governador e deputado federal. Seu retorno ao governo estadual em 1979 contou com o apoio de figuras militares importantes, como o marechal Cordeiro de Farias, o que lhe garantiu prestígio entre os “castelistas”, conforme afirma Napolitano (2014).

De acordo com Bastos, “Esse antagonismo declarado teve reflexos no cenário político do Pará que reverberaram durante muitos anos, sendo de fundamental importância para o estabelecimento das bases da redemocratização no estado” (Bastos, 2020, p.90-91). Foi nesse cenário que Jäder Barbalho se consolidou como uma das figuras centrais da política paraense. A disputa pelo governo do estado em 1982 contou com quatro candidatos: Jäder Barbalho (PMDB), Oziel Rodrigues Carneiro (PDS), Hélio Vieira Dourado (PT) e Mário Nazareno Machado Sampaio (PTB). Alacid Nunes, ao romper com os militares e apoiar Jäder Barbalho,

provocou atritos com o presidente Figueiredo, mas seu apoio foi decisivo para a vitória de Barbalho. Com isso, Jader se fortaleceu politicamente e passou a ocupar um lugar central na reorganização das forças políticas do Pará em meio à transição democrática. Segundo Petit, as eleições de 1982 “tornaram-se o pleito eleitoral mais importante do período pós-64” (PETIT, 1996, p.10).

Dentro de toda a conjuntura política imposta pelas eleições de 1982, emerge o jornal *Diário do Pará*. Em sua tese de mestrado, Bittencourt (2012) afirma que a criação do periódico, em agosto de 1982, foi uma estratégia política importante do grupo liderado por Jader Barbalho e pelo PMDB durante a campanha eleitoral daquele ano. O objetivo era ter um meio de comunicação próprio, já que os dois jornais mais influentes da época — *O Liberal* e a *Província do Pará* — apoiavam o adversário, vinculado ao PDS e a Jarbas Passarinho. Assim, o *Diário do Pará* passou a funcionar como porta-voz de toda a campanha, desafiando a hegemonia de *O Liberal* tanto política quanto comercialmente.

Durante o período final da ditadura militar no Brasil, o controle sobre as prefeituras municipais das capitais ainda era exercido de maneira indireta, com prefeitos sendo nomeados pelos governadores de estado, seguindo as normas da 2ª emenda constitucional de outubro de 1969. Segundo a Lei nº 6.978, de 19 de janeiro de 1982, foi instituído para o dia 15 de novembro de 1982, as eleições que marcaram a vitória do Governador Jader Barbalho, porém, a cidade de Belém a nível municipal não contaria com uma eleição de sufrágio universal e voto direto e secreto. Seria atribuído ao Governador do estado a tarefa de escolher e nomear o futuro prefeito da cidade, visto que a Lei nº 6.978 não contemplava as capitais dos Estados.

Com isso, como dito anteriormente, a escolha do recorte temporal compreendido entre 1982 e 1985, marcado pela criação do jornal *Diário do Pará* e ascensão política do Governo Barbalho se justifica pois o poder político de Jader, figura central na nomeação dos prefeitos da capital, se materializa em torno de uma forte influência sobre a administração municipal, tendo em vista que durante esse período acaba nomeando 3 dois prefeitos: Sahid Xerfan e

² Segundo a Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, os prefeitos eram nomeados pelos governadores. No caso das capitais dos estados e das cidades consideradas estâncias hidrominerais, a escolha do prefeito precisava ser aprovada pela Assembleia Legislativa. Já nos municípios considerados estratégicos para a segurança nacional, quem dava a palavra final era o Presidente da República.

³ Sahid Xerfan foi nomeado prefeito por Jader Barbalho mas ficou pouco tempo no cargo, entregando posteriormente a sua carta de renúncia ainda em 1983, como informa a coluna do *DIÁRIO DO PARÁ*. Repórter diário. Belém. 05 mar. 1983. p.3. Logo depois, Almir Gabriel foi nomeado prefeito, permanecendo até as eleições municipais de 1985.

Almir Gabriel. A escolha desse período permite investigar como o jornal *Diário do Pará* refletia, ao mesmo tempo, a visão oficial e as contradições existentes acerca dos problemas urbanos enfrentados pela cidade. Existia uma complexa relação entre imprensa e política local nesse momento de transição, em que o controle sobre a nomeação dos prefeitos traduzia a manutenção do poder nas mãos de lideranças do mesmo grupo político, ao mesmo tempo em que o jornal tentava construir uma narrativa que refletisse as demandas da população e os desafios urbanos. Conforme afirma Alexandre Stephanou:

A imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato ela o cria, na medida em que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos (STEPHANOU, 2001, p. 45)

Stephanou (2001) infere um dos aspectos mais complexos do papel da imprensa: sua capacidade não apenas de informar, mas de formar consciências, construir realidades e influenciar percepções sociais e políticas. A imprensa não se limita ao simples registro dos fatos; ao selecionar, organizar e destacar certos acontecimentos em detrimento de outros, ela contribui ativamente na construção da memória social.

O jornal não apenas seleciona, mas constrói. A partir da reflexão de Barbosa (2000), é possível entender como a imprensa exerce um papel que ultrapassa a simples função de seleção de fatos a serem lembrados ou esquecidos: ela constrói a memória. A escrita jornalística, nesse sentido, não apenas escolhe quais acontecimentos terão visibilidade, mas os organiza, hierarquiza e interpreta, transformando-os em narrativas legitimadoras de realidade:

Por outro lado, a escrita deve ser vista como elemento básico de construção seletiva da memória que engendra, sobretudo, a questão do poder. Percebendo-a como seleção e construção, é necessário ver os agentes ou os senhores dessa operação como detentores de poder. Tornar-se senhores dos lugares, das agências da memória é, ao mesmo tempo, ser senhor da memória e do esquecimento. (BARBOSA, 2000, p.117)

Esse processo evidencia que os meios de comunicação não são observadores neutros, mas agentes de poder, pois ao se tornarem “senhores da memória e do esquecimento” definem

quais experiências individuais ou coletivas serão incorporadas à história e quais permanecerão à margem. Segundo Napolitano (2017):

Por conta desta trajetória sinuosa e cheia de alternativas em relação ao regime que ajudaram a construir, mas ao mesmo tempo coerente com os valores ideológicos que lhes pautavam – herdeiros de um liberalismo elitista e oligárquico – os jornais brasileiros constituem uma fonte e um objeto historiográfico ricos e instigantes. Não apenas porque permitem mapear a posição do campo liberal em seus diversos matizes em relação ao regime militar, mas também porque traduzem processos complexos e sutis de construção de memória social sobre o período. (NAPOLITANO, 2017, p.348)

Napolitano enfatiza o papel mediador da imprensa na memória social sobre a ditadura militar. Isso significa que, ao selecionar, enquadrar e narrar fatos, os jornais ajudaram a construir imagens e interpretações do passado que permanecem no imaginário coletivo. Esse processo é “complexo e sutil” porque envolve escolhas editoriais, omissões, linguagens e agendas que podem tanto legitimar quanto questionar o poder vigente. Assim como no contexto nacional descrito por Napolitano, do ponto de vista municipal, o jornal Diário do Pará não apenas registrava fatos da gestão municipal, mas ajudava a moldar a memória social sobre esse período, alinhando-se a interesses políticos dominantes.

Diante disso, Marialva Barbosa (2000) observa como os jornais, ao emitirem mensagens dos grupos dominantes, elaboram estratégias para transformar o uso das letras em mito social, garantindo sua inserção em um lugar privilegiado. A criação de identidades próprias, como opositores ou defensores de autoridades, reforça o papel dos jornais como legitimadores do poder.

Emitindo mensagens dos grupos dominantes, os matutinos elaboram verdadeiras estratégias para transformar o uso das letras em mito social, tornando possível, assim, a sua inserção num lugar privilegiado. A criação de identidades próprias - como opositores ou defensores dos que ocupam os lugares-chaves na política - também faz parte dessa estratégia dos jornais se auto-construírem como legitimadores do poder." (BARBOSA, 2000, p.115)

Por essa perspectiva, os jornais criam narrativas que elevam determinadas ideias, pessoas ou instituições a um status de referência cultural ou moral, conferindo-lhes autoridade simbólica perante a sociedade. Ou seja, o jornal atua como mediador entre o poder político e o público, oferecendo interpretações que reforçam o status quo e dão sentido à posição de quem detém

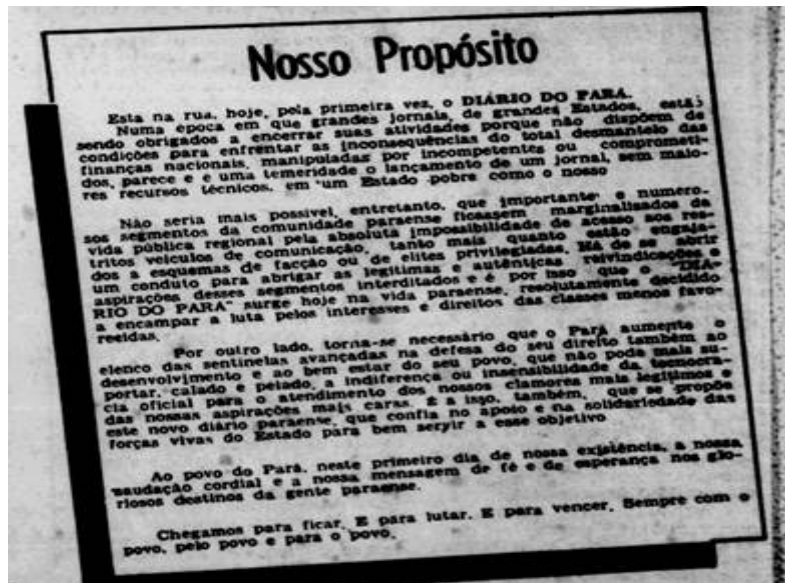
influência. Os jornais constroem identidades próprias: podem se posicionar como críticos ou defensores das autoridades, moldando percepções sobre quem merece apoio ou contestação.

A escolha do que era notícia — como os discursos oficiais dos prefeitos nomeados, as obras públicas, ou mesmo a omissão/falta de destaque sobre certas mazelas sociais ou — era, portanto, menos uma questão técnica e mais uma expressão do jogo político. Isso comprova a tese de Stephanou (2001): a imprensa cria o fato na medida em que o seleciona, atribuindo-lhe sentido e valor, muitas vezes conforme interesses estratégicos de quem controla os meios de comunicação.

3. Um jornal para o “povo pobre e sofrido dos subúrbios de Belém”

O nome *Diário* carrega, por si só, uma carga simbólica que ultrapassa a mera indicação de periodicidade. Ao se apresentar como *Diário do Pará*, o jornal sugere uma relação contínua, íntima e cotidiana com o público. O termo evoca a ideia de um registro fiel e permanente do presente, como se cada edição fosse uma página do “diário coletivo” da sociedade paraense, reforçando a sensação de proximidade e de acompanhamento da vida comum.

Essa proximidade simbólica dialoga diretamente com a autoimagem que o jornal buscava projetar: a de uma voz “do povo” certamente em oposição aos grupos mais abastados. Ao adotar essa retórica, o *Diário do Pará* construía uma narrativa de alinhamento com as demandas populares, colocando-se como contraponto aos veículos de comunicação vistos como porta-vozes da elite econômica e política. Observa-se essa retórica na primeira edição do jornal em agosto de 1982.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Nosso propósito, Belém, 22 ago. 1982. p.1

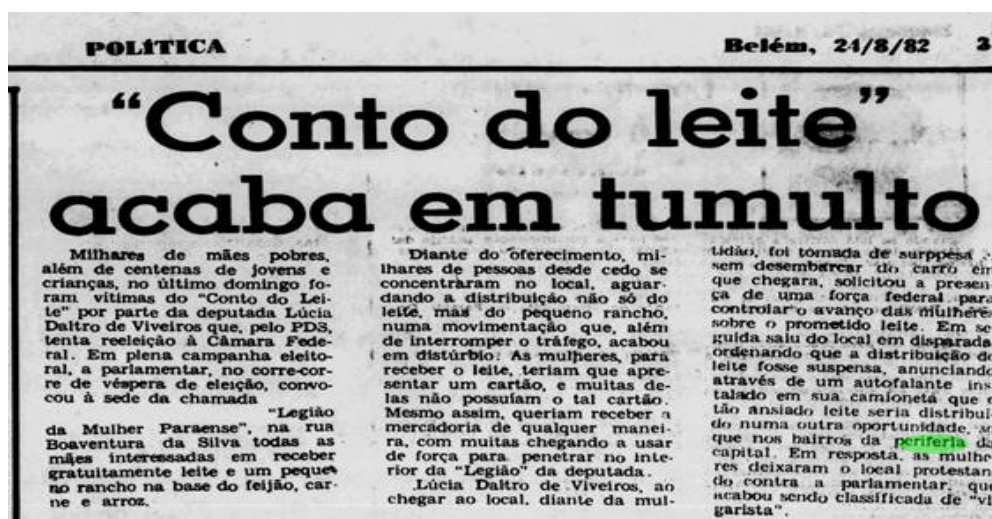
Esse trecho, na prática, cumpre um papel duplo: apresentar a linha editorial ao público e construir uma identidade simbólica para o jornal. Essa posição serve para marcar o *Diário do Pará* como um projeto posicionado contra a concentração de poder e a manipulação da informação por grupos privilegiados. Trata-se de uma estratégia discursiva que, desde o primeiro contato com o leitor, busca legitimidade popular. Segundo Cruz e Peixoto (2007):

No que se refere às publicações de maior circulação e estrutura que denominamos grande imprensa, os títulos para além de indicarem uma pretensão quanto a sua autoridade e representatividade - em nome de quem ou de quais setores fala - geralmente indicam também uma pretensão de abrangência. Assim sabemos que ao assumir o título de Jornal do Brasil o jornal carioca, quando foi lançado, por estar falando da então capital federal, anunciava uma pretensão editorial de, ao constituir-se como porta voz da sociedade civil e articulador de questões nacionais, atingir uma repercussão em todo o país. Diferentemente, o Diário de São Paulo, já de início, assume falar para e na defesa dos paulistas. (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p.261)

Cruz e Peixoto (2007) apresentam uma reflexão sobre a dimensão simbólica e estratégica que envolve a escolha do nome de um jornal, especialmente no âmbito da grande imprensa. O título de um periódico não é apenas um rótulo comercial, mas um marcador identitário que comunica ao público qual é o alcance pretendido e em nome de quem ou de quais interesses a publicação afirma falar. Ele se apresenta como defensor dos “interesses do povo” e como veículo voltado para problemas concretos do cotidiano, especialmente aqueles que afetavam

as “classes menos favorecidas”. O fecho do texto, com frases como “Sempre com o povo, pelo povo e para o povo”, reforçam o tom populista de apelo emocional. É um chamamento para que o leitor se reconheça no jornal e, ao mesmo tempo, para que o jornal se legitime como representante dessa coletividade.

Como dito anteriormente, desde sua fundação, o *Diário do Pará* construiu uma identidade editorial pautada na aproximação com o chamado “povo”, buscando se apresentar como seu legítimo porta-voz. Analisando a linha editorial do jornal em 1982, percebe-se que essa autoimagem assumia uma função política clara. No período que antecedeu as eleições estaduais, percebe-se que os populares foram incorporados como objeto central do discurso do jornal, especialmente quando se tratava de confrontar adversários políticos do MDB. Ao colocar “o povo” como protagonista simbólico, a publicação criava uma narrativa na qual a defesa de seus interesses se confundia com o projeto político do grupo que apoiava, transformando a presença popular em argumento retórico contra a elite rival e em instrumento de legitimação eleitoral.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. “Conto do leite” acaba em tumulto. Belém. 24 ago. 1982. Política. p.3

A reportagem exemplifica como o *Diário do Pará* articulava a cobertura jornalística e a estratégia política, aproximando-se das demandas populares, mas ao mesmo tempo incorporando essas massas como argumento retórico a favor de um projeto político específico, criticando adversários e legitimando aliados. O episódio de distribuição de leite deixa de ser apenas uma ação social e torna-se peça em um discurso político mais amplo, refletindo a relação entre a imprensa e a mobilização eleitoral na Belém dos anos 1980. Como afirma Alves (2001) e Barbosa (2000), os jornais realizam construções discursivas diretamente relacionadas à disputa pelo poder, já que o discurso não apenas reflete sistemas

de dominação, mas também constitui um meio pelo qual se busca exercer e conquistar poder, como afirma Michel Foucault (FOUCAULT, 1996).



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. PDS continua a iludir eleitores. Belém. 27 ago. Política. 1982. p.4

Nessa reportagem, o jornal acusa diretamente o PDS de “iludir” eleitores, especialmente o “povo pobre e sofrido dos subúrbios de Belém”. Essa escolha vocabular não é neutra: o “povo pobre” aparece como sujeito coletivo vulnerável, merecedor de proteção, mas também como argumento de autoridade para legitimar a crítica. Ao destacar que as ações do PDS seriam meros “ardis eleitorais” para conquistar essa população, o jornal não só denuncia a prática como também se coloca como defensor desse segmento social, reforçando sua autoimagem de veículo popular e combativo. O recurso à denúncia de “enganos” e “truques” — como o sorteio natalino serve para construir um contraste moral: de um lado, um partido que manipula; de outro, um jornal que revela a verdade ao povo. Diante disso, o jornal como uma fonte não deve ser considerado um espelho neutro da realidade ou um lugar de “verdades” objetivas. Pelo contrário, é um produto social e político, moldado pelas parcialidades e escolhas de quem o produz. Segundo Silva e Franco (2010):

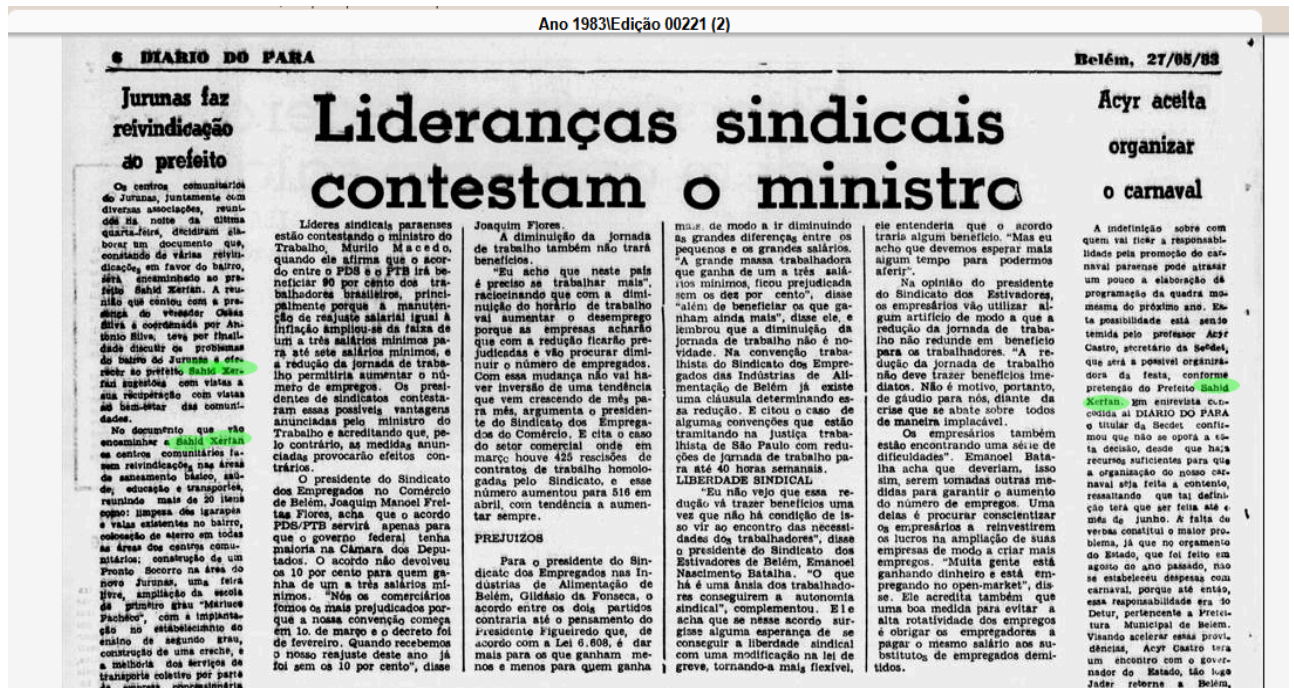
...tomar o jornal como fonte não significa pensá-lo como receptáculo de verdades; ao contrário, o que se propõe é pensá-lo a partir de suas parcialidades, a começar pela observação do grupo que o edita, das sociabilidades que este grupo exercita nas

diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar atores políticos. (SILVA e FRANCO, 2010, p.5)

No caso do *Diário do Pará*, por exemplo, essa leitura crítica revela que a cobertura política não se limitava a relatar eventos, mas articulava um projeto discursivo alinhado a interesses políticos concretos, o que se expressa tanto na linguagem usada quanto na seleção de pautas, assim, compreender o jornal como ator — e não como mero receptáculo.

4. Da promessa de proximidade à agenda governista: o “Diário” e Jader no poder.

Com a eleição de Jader Barbalho para o governo do Pará no mesmo ano, o jornal rapidamente se alinhou às diretrizes políticas do novo governante, tornando-se parte de sua engrenagem de legitimação. O periódico operava como um agente político ativo, articulando narrativas que reforçavam a autoridade de Jader Barbalho e seu grupo político, ao mesmo tempo em que construía uma imagem de proximidade com o povo como recurso discursivo para sustentar sua legitimidade.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Lideranças sindicais contestam o ministro. Belém. 27 mai. 1983. p.6

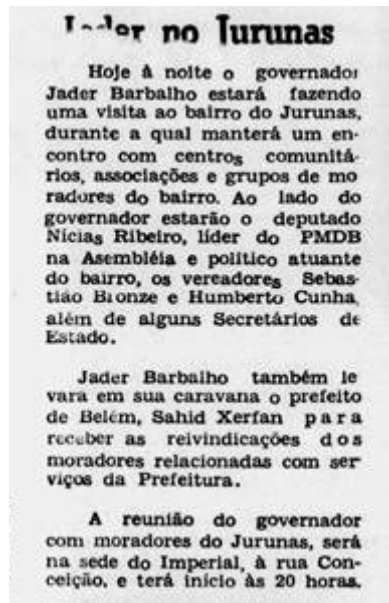
Observando o recorte do *Diário do Pará* de 27 de maio de 1983, vemos no centro da página, que a manchete “Lideranças sindicais contestam o ministro” ocupa espaço privilegiado, com destaque visual e textual, trazendo uma crítica contundente ao então ministro do Trabalho,

Murilo Macedo, ligado ao PDS. A matéria, extensa e com detalhamento das críticas dos sindicatos, reforça um enquadramento negativo contra uma autoridade nacional vinculada à oposição política local.

Em contraste, à esquerda, a notícia “Jurunas faz reivindicação ao prefeito” aparece com menor tamanho, relegada a uma coluna estreita. Essa cobertura trata de demandas populares — asfaltamento, saneamento e serviços urbanos — direcionadas ao prefeito Sahid Xerfan, indicado por Jader. Embora registre problemas do bairro, o tom é brando: a reportagem não confronta diretamente a administração municipal, mas descreve as reivindicações de forma burocrática, quase protocolar. Isso cumpre a função de “contenção de danos”, reconhecendo as falhas sem desgastar a imagem da gestão aliada. Essa composição sugere uma lógica editorial: suavizar ou minimizar notícias que possam comprometer o grupo político no poder local, observa-se então uma intencionalidade. Segundo Barros (2012):

Há ainda autores que distinguem, no interior do campo das fontes voluntárias e no que se refere à sua recepção, as de caráter público e as de caráter privado. De fato, há uma modalidade distinta de intencionalidade nas fontes que são produzidas para serem postas a circular ou serem exibidas publicamente – como as crônicas de figuras ilustres, os decretos régios, as estatuárias comemorativas, os jornais, os livros publicados em certa época, e inúmeras outras (BARROS, 2012, p.142)

Diante disso, fontes como jornais se distinguem dentro do grupo das fontes voluntárias por conta de seu caráter público, ou seja, são produzidas com a intenção explícita de circular, alcançar um público e influenciar a opinião, diferente de fontes de caráter privado. Assim, ao analisar o Diário do Pará como fonte histórica, é preciso situá-lo dentro dessa lógica de “fonte voluntária pública”, nesse sentido, a intencionalidade não é um detalhe secundário, mas um elemento central na crítica historiográfica.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Jader no Jurunas. Belém. 09 jun. 1983. p.4

Essa matéria, à luz do que foi exposto por Barros (2012) sobre intencionalidade das fontes, revela muito mais na forma como é construída do que no conteúdo explícito. Primeiro, percebe-se que o texto funciona como agenda positiva para Jader Barbalho e seu grupo político. A cobertura enfatiza sua presença no bairro Jurunas, cercado por lideranças políticas e comunitárias, criando a imagem de um governador próximo ao povo. O prefeito Sahid Xerfan — indicado por Jader Barbalho— aparece como parceiro natural da visita, reforçando esse elo político. Não há questionamento crítico sobre as condições que motivam as “reivindicações” — asfaltamento, saneamento e outros serviços urbanos não são tratados como falhas da gestão, mas como demandas que serão ouvidas e atendidas.

5. Periferias no discurso, Barbalhos na imagem

A partir de 1984, observa-se uma intensificação do discurso sobre periferias no *Diário do Pará*. Essa ideia aparece não como denúncia da exclusão urbana, mas como construção simbólica de uma aliança entre povo e governantes. Essa estratégia discursiva integra o que chamamos de agenda governista, em que a visibilidade das periferias é instrumentalizada para consolidar a legitimidade do grupo político que estava no poder.


CIDADE

Com Almir Gabriel, PMB salda dívidas

Trabalho de equipe e coerente

As realizações destes cinco meses de administração de Almir Gabriel à frente da Prefeitura Municipal de Belém, objetivaram, fundamentalmente, à melhoria da qualidade de vida dos residentes em Belém.

Neste curto período, o trabalho do prefeito comprovou na prática que para se aumentar o bem-estar da população não são necessárias obras monumentais.



O governador Jader Barbalho, o prefeito Almir Gabriel e o vereador Emanuel O de Almeida, checando de perto a realidade das baixadas

O governador Jader Barbalho, o prefeito Almir Gabriel e equipes atacando diretamente os problemas das baixadas.

Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Com Almir Gabriel, PMB salda dívidas. Belém. 15 mar. 1984. p.1

A presença de fotografias dessas regiões periféricas, somada à ênfase na atuação “direta” do governador e do prefeito indica o objetivo de reforçar a proximidade do grupo político com os problemas sociais e projetar uma imagem de eficácia administrativa e sensibilidade popular, atributos fundamentais num momento de efervescência política que antecedia o processo de abertura democrática. Observando uma outra matéria:

DIÁRIO DO PARÁ

ANO 2

Chegou a hora e vez do sem-teto

Terra para quem nela mora e trabalha foi, sem dúvida, o dos moradores do bairro da cremação. Em pleno coração de Belém, arrastava-se a questão de terras daquela área há muitos anos, criando uma situação bastante afilada para milhares de famílias estabelecidas em terrenos da herança de Lúmisira Bittencourt. A busca de regularização dos lotes ocupados não encontrava meios de solução nos diversos governos que passaram. Jader entrou de rijo no problema e, depois de paciente negociação, pôde finalmente decretar as desapropriações que facilitaram as famílias de baixa renda adquirir o pedaço de terra de que necessitavam. O povo agradeceu saiu às ruas para festejar Jader.

Voltando-se para a periferia, o governador promoveu a desapropriação de extensa área do bairro do Atalaia que somavam 23 hectares pertencentes ao ex-deputado Ferro Costa. Nessa empresa foram beneficiadas 2.500 famílias pobres ali residentes. Indo ao local para comunicar oficialmente a medida, Jader foi alvo de gigantesca manifestação de carinho por parte daqueles famílias. Líderes comunitários do bairro discursaram na ocasião assinalando que os moradores do Atalaia nunca duvidaram do cumprimento das promessas de Jader e menos ainda se arrependiam de ter eleito o jovem governador do PMDB.

Tão agradecida ficou a população do Atalaia que, por decisão de todos os moradores, a área passou a denominar-se Jaderândia, como um tributo especial da comunidade a Jader Barbalho. A satisfação

CADERNO ESPECIAL

Belém, quinta-feira, 15 de março de 1984 3

O POVO NO PODER



O Governador viu o real estado das baixadas

daquelas milhares de famílias completou-se pela informação transmitida na mesma hora pelo prefeito de Ananindeua, Paulo Falcão, de que em comum acordo com o governo do Estado, os moradores ficaram isentos da cobrança do imposto Predial pelo espaço de cinco anos.

Novamente em Ananindeua, Jader assinaria outro Decreto de desapropriação de terras favorecendo cerca de 1.300 famílias ocupantes da área. Os terrenos, desta vez, estavam situados à margem esquerda da Rodovia BR-316, à altura do KM 19 de antiga Estrada de Ferro de Bragança, e, desde que neocidade, foram sendo paulatinamente ocupados. A área, conhecida antes como "Pau Amarelo", pertencia à Empresa Transpina e achava-se hipotecada ao Banco do Estado como garantia de dívida junto à casa de crédito oficial. Com a desapropriação, saudeira por baixas com dívidas. Jader promete e faz, e o povo está com Jader e o PMDB, dentro outras, os terrenos passaram a chamar-se Via Esperança.

Assim prosseguiu o governo Jader Barbalho facilitando o direito de morar para inúmeras outras famílias pobres, permitindo paralelamente as condições de recreio condigna para todos. Em cada área desapropriada, o governador determinou que fosse instalada toda a infra-estrutura indispensável, pois de pouco adiantaria doar apenas os lotes ocupados.

Um novo estilo de governo era inaugurado por Jader Barbalho, em cuja administração as obras faraônicas cedem lugar às obras fundamentais para o bem estar da população.

As baixadas não foram esquecidas

A questão das baixadas de Belém sempre constituiu para o governador Jader

na primeira reunião do Condel. A reivindicação foi anotada e emquanto isso, a Secretaria de Obras do Estado por expressa determinação de Jader, passou a fazer o trabalho de sondagem das baixadas para decidir sobre o material a ser usado na construção de passarelas ou estradas destinadas ao trânsito dos pedestres.

O governador, pretendendo soluções mais duráveis, excluiu as experiências fracas cassadas de administrações anteriores. A transferência pura e simples dos moradores implicaria problemas maiores, a partir do próprio deslocamento das proximidades da zona de trabalho dos ocupantes dessas áreas, gerando novas questões sociais. Jader optou pela manutenção das famílias nos locais onde já residem, complementando essa decisão com um esforço de trabalho no sentido de dotar as baixadas de condições de moradia mais humanas, pelo saneamento ambiental e serviços infra-estruturais.

O suporte inicial desse programa seria a implantação de estradas de estrutura metálica, que não apresentaria problemas de resistência e durabilidade, com o emprego de um tipo de aço altamente resistente a qualquer tipo de corrosão causado pela umidade.

A ação governamental sofreu ligeira interrupção pelo hiato da saída do prefeito Xerfan. A par disso, o governo do Estado ficou aguardando a liberação das verbas federais para tocar a obra. Com Emanuel O de Almeida à frente da PMB, Jader recomendou que se tivesse prosseguimento a preparação das áreas alagadas durante o verão, prevenindo a chegada do inverno, o que foi feito com a "Operação Pé no Chão". Finalmente nomeado o médico Almir Gabriel para a Prefeitura, os planos de Jader puderam ser reativados, e enquanto não se implantam as estradas definitivas, novas passarelas são construídas em substituição às antigas. Já desbravadas em várias áreas alagadas da capital, os melhoramentos para as baixadas, todavia, prosseguem em ritmo veloz, como é exemplo a inauguração do serviço de abastecimento de água da Vila da Barca, conglomerado urbano do bairro do Telegrapho, onde a Cosanpa investiu mais de 10 milhões de cruzeiros.

Barbalho um dos principais pontos prioritários de sua administração. A cidade apresenta-se tomada em cerca de 40 por cento de áreas alagadas e resta tarefa de criação estabelecendo maior densidade demográfica, fazendo com que o problema refluja permanentemente desafiando o trabalho de Jader. O governador desde que se iniciou na vida pública como vereador da capital.

Após alcançar o gov mo do Estado, pois Jader Barbalho possuía pronto um programa especial de ataque ao problema das baixadas. E numa ação conjugada com a Prefeitura Mu-

nicipal, tratou de ussencia-lo. A "Operação Impacto" da PMB, sob a gestão de Saad Xerfan, destinada à recuperação geral da cidade de Belém, reservava um capítulo à parte para as áreas de baixadas. O governador fez inicialmente um amplo reconhecimento dos pontos críticos a serem atingidos pela operação, visitando e conhecendo "in loco", com o prefeito e uma caravana de políticos, os terrenos a serem trabalhados e auscultando os moradores sobre a melhor forma de ataque.

Em busca de recursos para implementação de seu programa de governo para as baixadas, Jader foi até o Conselho Deliberativo da Sudam sensibilizar o Ministério do Interior, em

Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. O povo no poder. Belém. 15 mar. 1984. p3.

Na matéria “O Povo no Poder”, as baixadas de Belém são apresentadas como território-síntese da pobreza urbana e como espaço de ação governamental. O jornal destaca que “o governador viu o real estado das baixadas”, reforçando a ideia de que a simples

presença do líder político nos espaços populares constitui gesto de legitimidade e de compromisso social. Contudo, ao mesmo tempo em que evoca o povo como sujeito do discurso, as imagens atribuem o protagonismo às autoridades, que aparecem no centro da cena, em visitas e inspeções.

A visibilidade dada aos bairros populares é constantemente mediada pela imagem do governador Jader Barbalho e de seus aliados políticos, convertendo o espaço da precariedade em cenário para a performance do líder sensível e atuante. O jornal, portanto, atua como fonte intencional, na medida em que constrói uma memória favorável ao projeto político dos Barbalho, onde as periferias são evocadas no discurso, mas a imagem que prevalece é a do poder encarnado em seus representantes. Segundo Sosa (2006):

A imprensa, por ser uma instituição pública e privada, atua nos dois campos, enquanto empresa que enfrenta cotidianamente a concorrência, tentando de todas as formas vender o seu produto, mas que por outro lado coloca no mercado uma mercadoria muito particular, que é a mercadoria política, mesclando-se aí o público e o privado, os interesses dos cidadãos e os do dono do jornal. As relações que se estabelecem, portanto, na esfera privada, não desaparecem na esfera pública. (SOSA, 2006, p.113)

Ao destacar que a imprensa atua simultaneamente como empresa, preocupada com a concorrência e a venda de seu produto, e como veículo de circulação de uma “mercadoria política”, Sosa (2006) nos permite compreender que o jornal não é apenas um registrador neutro da realidade, mas um ator ativo nas disputas de poder. Nesse sentido, ela não separa os interesses públicos dos privados, mas os articula. Desse modo, o jornal vende seu produto ao público e, ao mesmo tempo, consolida influência política. Observa-se a imagem que segue:

Projeto Baixadas deixará periferia em boa condição

Estivas, água encanada, iluminação e praças serão entregues ao povo

Quando o Governador retornar a Belém, mais obras serão inauguradas nos subúrbios de Belém. O povo carente terá, desse modo, mais uma etapa das metas do Governo e da PMB cumprida conforme prometido.

Continua em ritmo acelerado o projeto Baixadas, levado a efeito pelo Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Belém, envolvendo vários órgãos, entre os quais a Secretaria Municipal de Obras, Secretaria de Estado de Obras e Viação Públicas, além da Cosampa, da Celpea e Setape. A coordenação é da SEDB, junto com a Assessoria de Comunidade, tanto da PMB como do Governo do Estado. A proposta final do projeto é executar 200 quilômetros de estivas, 200 quilômetros de pontes em madeira, mais de 90 mil metros de rede de distribuição de água, com aproximadamente oito ligações domiciliares, bem como a aplicação de 2.000 postes, com cerca de 15 mil ligações domiciliares.

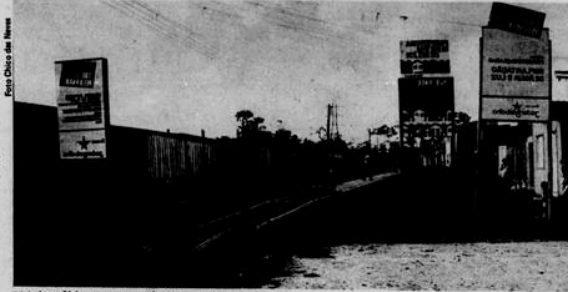
Além disso, cerca de três mil fossas de fermentação e quinze pontos para coleta de lixo e esgotos de baixadas serão concretizadas até o final do projeto.

Esse programa, segundo informou o titular da Secretaria Municipal de Obras, engenheiro Ubirajara Marques de Oliveira, tem a finalidade de tornar uma área, que corresponde a 40 por cento da área metropolitana de Belém, em povoado digno.

pedestres, assim como um lugar onde o abastecimento de água e luz não estejam, como se encontram agora, abaixo de índices recomendáveis. As habitações são precárias, de madeira e esquadernamente distribuídas. A área tem carência de atendimento hospitalar, que se apresenta bastante carente, conforme as próprias observações feitas pelo titular da SEDB.

Além das carências citadas por Ubirajara Marques, a área também não possui atendimento hospitalar e ambulatorial, principalmente por falta de acessos seguros aos pedestres. Há deficiências na rede educacional, onde tem-se verificado a existência de uma sala de aula por comunidade que existe, no local, mas analfabetos que são alfabetizados. A força de trabalho é reduzida e pode-se verificar que a maioria da população das baixadas recebe salário inferior ao salário mínimo.

AÇÃO CONJUNTA EFICAZ
Portanto, no dentro desse quadro, que o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal, com a sua política de desenvolvimento,



Mais benefícios para a população que mora nas baixadas dos centros comunitários de cada bairro.

Daí o sucesso da programação, diz Ubirajara, visto que a própria comunidade participa do projeto. Sobre isso, a SEDB passará um audiovisual do Projeto Baixadas, dentro da Semana do Meio Ambiente, no Auditório da Faculdade de Odontologia.

PASSAGEM GASTÃO
Outro trecho que será entregue ao povo, totalmente recuperado é a Passagem Gastão, localizada no bairro de...

Roteiro junino

Conforme a programação elaborada pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, hoje não haverá baile junino, estando previsto para amanhã, no bairro de Jurunas, na Travessa Honório José dos Santos, número 784, onde funcionará a sede da Sociedade Beneficente Recreativa Jurunense Rancho "Não Posso Me Anotitar", mais uma etapa classificatória do concurso de quadrilhas. Na oportunidade, se apresentará mais 18 grupos e partir das 17:30 horas. A atividade se estenderá até as 23:00 horas. Segundo a programação, são estas as quadrilhas que deverão se apresentar: Roteiro de Carlinhos, Rosalina, Linovaldo, Bráulio,...

Turismo & Lazer

Com objetivo de desenvolver atividades sindicais, se encontra fazendo o exo Rio São Paulo, Oscarina Naves da Silva, do Sindicato de Hotéis, Lanchonetes, Bares e Similares de Belém. A dirigente sindical participou, entre outros importantes encontros, do levado a efeito no último dia primeiro do corrente, no São Paulo Hilton Hotel denominado Projeto Brasil Turismo, oportunidade na qual manteve contatos com empresas e empresas ligadas ao setor. Oscarina Naves contactou com Miguel Cassiano, presidente da Embatur.

Elis foi relembrada com show no Nazaré

Numa promoção que movimentou o bairro de Nazaré, alunos do colégio salesiano Nossa Senhora de Nazaré levaram a efeito, anteriormente, no ginásio de esportes do estabelecimento de ensino, o show desfilê Elis Vida. Na ocasião, além de apresentação de dança e números musicais, houve o desfile de moda patrocinado pela boutique "Optus Line", de propriedade da jovem Wilza Magalhães Moraes.

Sob a direção de Mauro Barbalho, que também se apresentou como modelo masculina no desfile das roupas de moda, o show recebeu muitos aplausos do grande público que compareceu ao local para prestigiar o evento.

Na oportunidade, se apresentaram as artistas Roseline Marquim, Nádia Magalhães, Sylvia Maguini, Tereza Cristina Rodrigues, Patricia Naves, Karine Pombal, Norma Silva, Terezinha Santos, Os manequins Augusto Santos, Marcus Monteiro,

No que diz respeito ao interesse do grupo de manequins e artistas que participaram da promoção em continuar esse trabalho, uma programação está sendo elaborada e, em breve, mais atividades do gênero serão levadas à comunidade. O grupo pretende, inclusive, demonstrar suas aptidões em promoções nos clubes da cidade, principalmente onde houver interesse em dar apoio a esta atividade artística. Os alunos do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, desse modo, demonstram a versatilidade para as práticas extra curriculares.

Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Projeto baixadas deixará periferia em boa condição. 05 jun. 1984. p.3

A partir de 1984, observa-se por exemplo que surge uma seção no jornal intitulada "Bairros", embora o título sugira um foco nas demandas locais dessas localidades, como infraestrutura, serviços e problemas cotidianos da periferia, no entanto, a seção funcionava sobretudo como instrumento de legitimação do poder político com as periferias. No recorte apresentado, por exemplo, a matéria sobre o Projeto Baixadas destaca a entrega de obras, estivas, água encanada, iluminação e praças.

BAIRROS

Foto: Dirceu Fomango

O trabalho está acelerado na rodovia Augusto Montenegro

Desencadeada campanha para melhorar bairros

Um trabalho conjunto é realizado na periferia

Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Desencadeada campanha para melhorar bairros. Belém. 08 ago. 1984. p.7

Várias são as matérias, presentes em diferentes eixos do jornal durante esse período que cumprem exatamente essa função de reforçar a legitimidade política ao apresentar o poder

público como responsável por transformar espaços de precariedade em territórios de ação e progresso, deslocando a atenção das dificuldades cotidianas da população para a imagem de eficiência e cuidado das autoridades. Mais exemplos:

DIÁRIO DO PARÁ **CIDADE** Belém, domingo 23 de setembro de 1984 3

Foto: Dineu Fornago

Jader, assim o governo devolve os impostos pagos pelo povo

O povo demonstra animação com as administrações municipal e estadual

Governo diferente em favor do povo

Sempre cumprindo as promessas feitas durante a campanha para o Governo do Estado

Várias inaugurações de obras deram prosseguimento à comemoração do primeiro aniversário de administração Almir Gabriel. Foram entregues ontem, à população, mais quatro pavimentações: duas políticas, na rua Velje Cátere, no bairro Pira, e Mandurucá e Vila Nove, todos no Juruá. Essas obras são fruto de reivindicações dos moradores de área. A passagem Solpas, na Velje Cátere, foi a primeira a receber a pavimentação política, uma obra arrematada originalmente de São Miguel do Guamá e de grande resistência. A obra foi tendida na Universidade Federal do Pará, constatando-se que sua resistência é idêntica à do preexistente. O seu custo é apenas por cento mais barato do que o antigo e 50 por cento mais barato que o concreto, dando uma vantagem econômica muito grande.

CUSTOS

Os vereadores Emanuel O de Almeida, Teodoro Reis e Sebastião Bronze, o deputado estadual Lucival Barbosa e o federal Coutinho Jorge congratularam-se com as equipes de Jader e Almir. Lançaram que estão cumprindo as promessas de campanha eleitoral.

SATISFAÇÃO

O prefeito Almir Gabriel disse estar satisfeito. "Temos tido a oportunidade de dar a você, também com muita tranquilidade, que durante esse ano que podemos estar à frente da Prefeitura, temos o prazer de ter cumprido o dever para com o governo do Estado e para com a população de Belém". Disse ainda que nesse tempo pode ainda equilibrar a situação financeira de PMB, de maneira a pagar dívidas que se acumulam e que chegaram a ser correspondentes a um quarto de todo

interesse de verificar como o povo está, discutir com o povo e vir para os palanques prestar contas com o povo, mas para não esquecer - os compromissos durante a campanha eleitoral, como fazem os outros que só aparecem em público quando se vêem na campanha eleitoral. Alguns compraram e venderam, mas depois que termina a campanha, só voltam depois de quatro anos, quando dá outra eleição. Mas nós do PMDB somos diferentes. Nós fazemos questão de ganhar a eleição e depois continuar mantendo contato com o povo. E aqui está o governador, os deputados federais, deputados estaduais, senadores, assessores e todos de equipe".

Disse ainda o governador, que cumprirá indo ao povo e, quando for apresentar o seu sucessor, e seus candidatos ao pleito de 86, quer receber a resposta positiva desse povo. Todos responderam: sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim.

CONQUISTAS

Entre as conquistas dos petroleiros em Belém, que passa a vigorar ainda este mês, o aumento do Sindicato de Trabalhadores em Serviços Públicos, de 3 para 4 níveis; adicional regional de 15 por cento sobre o salário; no campo de petróleo em regime de contratação; e no Armação; aplicação de uma faixa salarial em janeiro e no Armação; emprego de nível médio e superior não contemplados no aumento do piso salarial; extinção da curva forçada na avaliação de desempenho e extinção...

Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Governo diferente em favor do povo. Cidade. 23 set. 1984. p.3

Jader e Almir entregam obras nos subúrbios

Com Jader e Almir Gabriel a promessa sai do papel. Hoje pela manhã o nosso governador e o nosso prefeito estarão percorrendo a periferia da cidade, entregando obras que foram prometidas à população. Assim, será entregue o asfaltamento da rua Três de Maio entre Gov. José Malcher e Domingos Marreiros, trecho situado no bairro da Matinha e a mesma Três de Maio, entre Pariquis e Conceição, na Cremação. Serão também entregues várias vilas e passagens pavimentadas em pedregal, conjunto de estivas, encerrando com entrega de títulos de terra no bairro da Sacramento, a pessoas carentes.

Para essas inaugurações Jader e Almir acompanhados de uma comitiva de deputados, vereadores e auxiliares, deixam a residência governamental às 8 horas, em ônibus urbanos.

DIÁRIO DO PARÁ **CIDADE** Belém, sábado, 12 de janeiro de 1985

Foto Dineu Fornago

Dona Socorro Gabriel comanda a equipe do Ministério do Verde

O povo faz festa na Vila Amaral para receber de volta as casas que haviam sido destruídas pelo fogo

Vila Amaral recebe casas com festa

Dona Elcione devolve as casas que haviam sido destruídas por um incêndio no ano passado

⁴ Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Jader e Almir entregam obras nos subúrbios. Belém. Sociedade. 29 set. 1984. p.5

⁵ Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Vila Amaral recebe casas com festa. Belém. Cidade. 12 jan.1985. p.16



De acordo com Foucault (2012):

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder (...) é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, Exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas") (FOUCAULT, 2012, p.52).

A reflexão de Foucault (2012) sobre a verdade como produção situada e atravessada por relações de poder ilumina um ponto central das problemáticas historiográficas: a intencionalidade das fontes. Se a “verdade” não é um dado objetivo, mas uma construção social mediada por aparelhos como os meios de comunicação, o historiador precisa considerar que documentos como jornais não apenas registram fatos, mas também os enquadram dentro de estratégias discursivas. Isso implica reconhecer que tais fontes carregam escolhas, silenciamentos e direcionamentos, de modo que sua análise não pode se restringir ao conteúdo imediato da notícia. Assim, a citação de Foucault nos lembra que as fontes não oferecem uma verdade em si, mas vestígios de verdades construídas em meio a relações de

⁶ Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Baixadas: obras são prioritárias. Belém. 4 mai. 1985. p.2

⁷ Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Jader entrega 77 casas no conjunto. Belém. 15 nov. 1985. p.16

poder, cabendo ao historiador problematizar esses mecanismos para compreender os usos do passado e as formas de legitimação do presente.

O ponto central da problematização é que, se aceitamos com Foucault que a verdade é produto de relações de poder, não podemos mais ler as fontes como simples “espelhos” da realidade. Isso cria uma tensão para o historiador: até que ponto é possível reconstruir o passado a partir de documentos que já nascem atravessados por intencionalidades e estratégias discursivas? No caso dos jornais, por exemplo, eles não apenas informam, mas selecionam e hierarquizam acontecimentos, criando narrativas que servem a determinados projetos políticos — como o vimos na atuação do *Diário do Pará* nos anos 1980. Essa constatação problematiza a própria noção de objetividade historiográfica, deslocando o trabalho do historiador para uma posição crítica de análise dos mecanismos de produção do discurso. O risco, portanto, é tomar a fonte como evidência neutra, quando, na verdade, ela é um artefato de poder. A problematização, então, reside em como lidar com essas camadas de mediação: como transformar um documento atravessado por interesses e coerções em material de pesquisa que permita compreender tanto o fato histórico quanto às estratégias que o moldaram no plano discursivo. Segundo Pollak (1989):

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p.10)

Diante disso, a memória não é simplesmente um repositório do passado, mas um campo em disputa, esse “trabalho de enquadramento da memória” envolve escolhas sobre o que lembrar, o que esquecer, o que destacar, como narrar e é influenciada pelos contextos sociais, políticos, econômicos, etc. Ao fazer a análise do *Diário do Pará*, nesse período, podemos entender que a imprensa, especialmente veículos de grande alcance e prestígio, atuam como agentes ativos na construção e enquadramento da memória coletiva.

Segundo Barbosa (2004), a mídia atua de forma ativa na constituição dos acontecimentos, uma vez que, ao selecionar, legitimar e narrar determinados fatos, retira-os da invisibilidade e os transforma em eventos dotados de relevância social, ao mesmo tempo em que silencia outros. Nesse processo, os meios de comunicação impõem uma visão de mundo que organiza

lembranças e esquecimentos, assumindo o papel de “senhores da memória”, conforme afirma a autora:

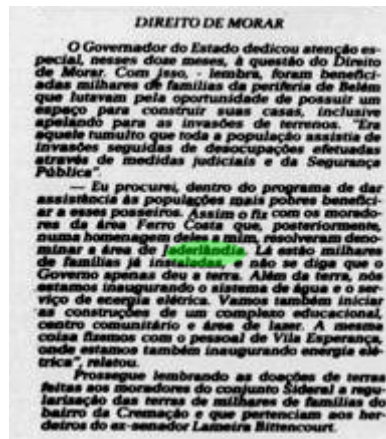
Constituindo os acontecimentos os meios de comunicação tornam-se, portanto, senhores da memória da sociedade. Transpondo fatos para a categoria de acontecimento (definido como descontinuidade constatada a partir de um modelo de normalidade considerado a priori), privilegiam determinadas informações em detrimento de outras. (BARBOSA, 2004, p.4)

Assim, ao constituírem acontecimentos, os meios de comunicação assumem a posição de verdadeiros “senhores da memória”, com a capacidade de organizar a experiência histórica de uma coletividade, legitimando certas lembranças e promovendo esquecimentos. De acordo com Barbosa, “Legitimando o acontecimento, divulgando-o, caracterizando-o através da linguagem e tornando-o oficial, a mídia tira das zonas de sombra o que precisa ser destacado e impõe uma visão de mundo, que atua outorgando poder.” (Barbosa, 2004, p.4). Nesse processo, a mídia retira da “zona de sombra” aquilo que considera relevante e o projeta como digno de lembrança, ao mesmo tempo em que silencia ou marginaliza outros elementos.

6. Demandas periféricas: moradia e desafios urbanos em foco

Analisando as principais demandas das periferias belenenses presentes no jornal nesse período, por meio da pesquisa realizada na BN Digital, é perceptível o destaque de dois eixos: a questão habitacional urbana, frequentemente associada às desapropriações de terras e ao crescente fluxo migratório na região Belenense, e as demandas urbanas, como saneamento, infraestrutura, transporte e serviços públicos. Ao pesquisar a palavra “Periferia” na plataforma da Hemeroteca observa-se que as ocorrências desta palavra estão constantemente relacionadas principalmente a esses dois eixos.

O geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2011), em seu artigo *Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão*, chama atenção para a complexidade do papel desempenhado pelo Estado na produção do espaço urbano. Segundo o autor, “o Estado capitalista desempenha múltiplos papéis em relação à produção do espaço. Essa multiplicidade decorre do fato de o Estado constituir uma arena na qual diferentes interesses e conflitos se enfrentam” (CORRÊA, 2011, p. 45). Essa perspectiva evidencia que as ações estatais podem ser compreendidas como práticas que respondem e, ao mesmo tempo, influenciam os embates políticos, sociais e econômicos que moldam a cidade.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. O povo no poder: Jader cumpre as promessas de campanha. Belém, 15 mar. 1984. p.33.

A criação do bairro Jaderlândia, vista neste trecho da reportagem “O povo no poder: Jader cumpre as promessas de campanha”, exemplifica como o Estado exerce esse papel mediador dos conflitos fundiários urbanos. Ao transformar áreas invadidas em loteamentos institucionalizados, o governo não só atendia à pressão popular por moradia, mas também, resolvia um problema na dinâmica urbana na capital consolidando um capital político, visto isso materializado no nome dado ao bairro. Nesse mesmo sentido, voltando à luz do foi exposto por Corrêa (2011) vemos como esse Estado capitalista desempenha diferentes funções de produção nesse espaço. No caso, não apenas na regularização dessas terras, mas também, da criação de um sistema de água, de energia, etc.

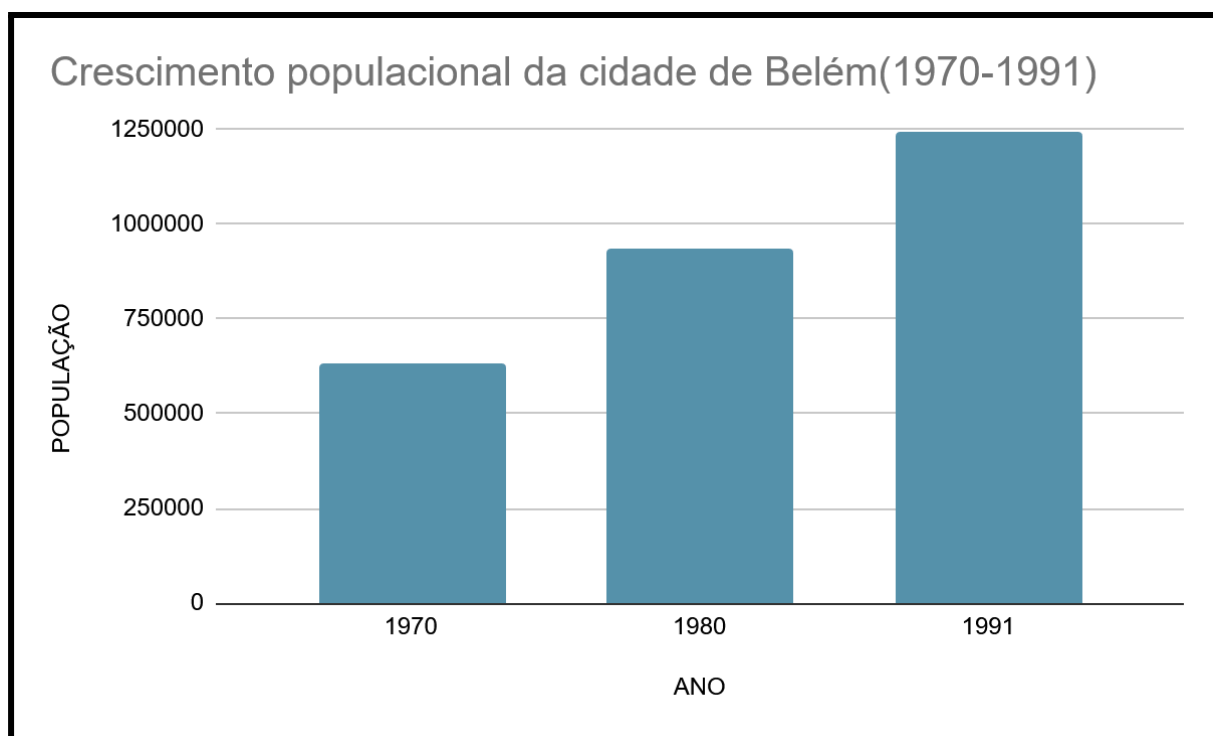
A criação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), em 1966, é um dos exemplos de um ponto de virada na dinâmica urbana da região, repercutindo diretamente sobre Belém. Como observa Petit (2021), essa instituição desempenhou papel central no planejamento e na execução de políticas voltadas para a integração da Amazônia ao projeto nacional de desenvolvimento dos governos militares. Tais iniciativas favoreceram a instalação de grandes empreendimentos econômicos, que estimularam fluxos migratórios intensos para a capital paraense, ampliando seu crescimento demográfico e pressionando ainda mais sua malha urbana.

Essa expansão urbana pode ser compreendida à luz das políticas implantadas durante a ditadura, especialmente os Planos Nacionais de Desenvolvimento. Como afirma Petit (2021):

...entre os planos nacionais de desenvolvimento econômico aprovados na década de 1970 que tiveram especial influência na Amazônia, cabe destacar o Plano de

Integração Nacional (PIN), de junho de 1970, que tinha como um dos seus objetivos financiar as obras de infraestrutura destinadas a facilitar o desenvolvimento de atividades econômicas nas áreas de atuação da Sudam e da Sudene, entre elas a construção da Transamazônica e o Plano de Irrigação do Nordeste; o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), para o período de 1972-1974; e, sobretudo, o II PND (1975-1979) durante o governo presidido pelo general Ernesto Geisel. Planos que orientaram as metas a serem alcançadas na Amazônia Legal por meio do I Plano de Desenvolvimento da Amazônia (PDA) – 1972-1974 – e do II PDA – 1975-1979. (PETIT, 2021, p.126)

Esses planos tiveram efeitos diretos sobre os grandes pólos urbanos da região Amazônica, que passou a concentrar parte significativa dos fluxos migratórios atraídos pelas obras de infraestrutura e pelas promessas de modernização econômica. O crescimento da cidade refletiu tanto a chegada de trabalhadores deslocados por esses grandes projetos.



Fonte: IBGE

Analisando os censos de 1970, 1980 e 1991, vemos como o crescimento populacional de Belém foi significativo nesse período, como dito anteriormente, resultado da forte atração migratória gerada pelas políticas de integração e pelos projetos de desenvolvimento econômico que impactaram diretamente a Amazônia.. Entre 1970 e 1980, a população saltou

de 633.374 para 933.287 habitantes, um acréscimo de 299.913 pessoas, o que corresponde a um aumento de 47,4%.

Na década seguinte, entre 1980 e 1991, no período estudado, o ritmo de crescimento populacional ainda se manteve bastante expressivo. Nesse intervalo, a cidade ganhou 311.402 novos moradores, mais que a década passada, passando de 933.287 para 1.244.689 habitantes. Quando observado o período completo, de 1970 a 1991, nota-se que Belém quase dobrou sua população, passando de 633.374 para 1.244.689 habitantes.

Do ponto de vista do Diário do Pará, os problemas urbanos se relacionavam intrinsecamente com esse crescimento populacional, problemas como: falta de moradia, de saneamento, de mobilidade urbana, de saúde e de infraestrutura da cidade. Essa expansão demográfica era vista como algo negativo, como um problema, que era sempre resolvido ou atenuado pelo governo do Estado. Como vemos a seguir:



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Drama nos transporte. Belém. 29 mar. 1984. p.9

A fotografia e a manchete “*Drama do transporte*” expressam de forma clara como o crescimento populacional de Belém passou a ser representado pela imprensa como um problema urbano insolúvel. O texto aponta para a escassez de recursos e de infraestrutura,

ênfatizando que o aumento do número de habitantes teria ampliado a crise no sistema de transporte coletivo. Assim, o crescimento demográfico aparece sob uma ótica negativa.

Esse olhar do jornal encontra correspondência com a análise de Ana Fani Alessandri Carlos (2007), quando afirma que:

Os diversos usos, na metrópole, entram em conflito, na medida em que são contraditórios os interesses do capital e da sociedade. Enquanto o primeiro tem por objetivo sua reprodução através do processo de valorização, a sociedade anseia (e luta) por condições melhores de reprodução da vida em sua dimensão plena. São os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem lutas. (CARLOS, 2007, p.100)

A crise do transporte, registrada na imagem do ônibus lotado e da população caminhando em meio ao tráfego, pode ser lida como materialização desse conflito entre capital e sociedade descrito por Carlos. O jornal, ao destacar o crescimento populacional como a causa da crise, reproduz uma narrativa que desloca o problema da esfera estrutural para o aumento da demanda, mascarando as desigualdades entre centro e periferia e os diferentes modos de apropriação do espaço urbano, com isso, nota-se que a perspectiva periférica não é trazida para o debate, vemos apenas a visão das empresas de transporte coletivo e do governo estadual.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Jurunas pede terrenos que eram da Radional. Belém. 29 ago. 1984. p.11.

Voltando para a reflexão de Ana Fani Alessandri Carlos, ao afirmar que “... a ocupação do espaço não se fará sem lutas” (Carlos, 1992, p.100), vemos em uma pequena coluna intitulada “*Jurunas pede terrenos que eram da Radional*” a exemplificação dessas lutas. Ainda que relegadas a pequenas colunas, essas notícias revelam a presença constante das lutas populares na cidade, mostrando que a apropriação do espaço urbano estava longe de ser um processo pacífico ou espontâneo. Pelo contrário, a disputa por terrenos, expunha o embate dos interesses populares pela moradia digna, sendo necessário movimentos de negociação por essas desapropriações.

7. Considerações Finais

Ao longo desta pesquisa, procurou-se demonstrar como o *Diário do Pará*, entre os anos de 1982 e 1985, atuou não apenas como veículo de informação, mas como agente político ativo na construção de discursos voltados à legitimação de um projeto de poder. A análise de suas manchetes, reportagens e escolhas editoriais revela uma clara intencionalidade no modo como os temas políticos eram abordados — especialmente no que tange à figura de Jader Barbalho e ao seu grupo político. O jornal apropriou-se da imagem do “povo” como recurso simbólico, convertendo-o em argumento de autoridade, não apenas para criticar adversários, mas também para sustentar a legitimidade daqueles com os quais possuía vínculos diretos. O discurso sobre o povo servia como construção de uma narrativa em que o jornal se alicerçava,

Por fim, esta pesquisa reafirma a importância de problematizar as fontes jornalísticas no campo historiográfico, não apenas pelo que elas dizem, mas pelas condições em que dizem, pelos interesses que servem e pelas memórias que constroem. Assim, o historiador, ao se debruçar sobre esse tipo de fonte, deve adotar uma postura crítica, sensível às estratégias de enunciação, aos silenciamentos e aos enquadramentos que configuram sua narrativa.

Fontes

BRASIL. Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 15, de 8 de agosto de 1980.

BRASIL. Lei nº 6.978, de 19 de janeiro de 1982.

DIÁRIO DO PARÁ. Baixadas: obras são prioritárias. Belém, 04 mai. 1985. p. 2.

DIÁRIO DO PARÁ. Com Almir Gabriel, PMB salda dívidas. Política, Belém, 15 mar. 1984. p. 1.

DIÁRIO DO PARÁ. Conto do leite acaba em tumulto. Política, Belém, 24 ago. 1982. p. 3.

DIÁRIO DO PARÁ. Desencadeada campanha para melhorar bairros. Política, Belém, 08 ago. 1984. p. 7.

DIÁRIO DO PARÁ. Governo diferente em favor do povo. Cidade, Belém, 23 set. 1984. p. 3.

DIÁRIO DO PARÁ. Jader e Almir entregam obras nos subúrbios. Sociedade, Belém, 29 set. 1984. p. 5.

DIÁRIO DO PARÁ. Jader entrega 77 casas no conjunto. Belém, 15 nov. 1985. p. 16.

DIÁRIO DO PARÁ. Jader no Jurunas. Política, Belém, 09 jun. 1983. p. 4.

DIÁRIO DO PARÁ. Jurunas faz reivindicação ao prefeito. Política, Belém, 27 mai. 1983.

DIÁRIO DO PARÁ. Jurunas pede terrenos que eram da Radional. Belém, 29 ago. 1984. p. 11.

DIÁRIO DO PARÁ. Lideranças sindicais contestam o ministro. Política, Belém, 27 mai. 1983. p. 6.

DIÁRIO DO PARÁ. Nosso propósito. Belém, 22 ago. 1982. p. 1.

DIÁRIO DO PARÁ. O povo no poder. Política, Belém, 15 mar. 1984. p. 3.

DIÁRIO DO PARÁ. O povo no poder: Jader cumpre as promessas de campanha. Belém, 15 mar. 1984. p. 33.

DIÁRIO DO PARÁ. PDS continua a iludir eleitores. Política, Belém, 27 ago. 1982. p. 4.

DIÁRIO DO PARÁ. Projeto Baixadas deixará periferia em boa condição. Política, Belém, 05 jun. 1984. p. 3.

DIÁRIO DO PARÁ. Repórter Diário. Belém, 05 mar. 1983. p. 3.

DIÁRIO DO PARÁ. Vila Amaral recebe casas com festa. Cidade, Belém, 12 jan. 1985. p. 16.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 1970, 1980, 1991*. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em:<https://anuario.belem.pa.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/Tabela-2-Demografia.pdf>

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. Imprensa e política: algumas reflexões acerca da investigação histórica. *História em Revista*, Pelotas, v. 7, p. 93-115, dez. 2001.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício em leitura: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, senhores da memória?. In: XXVII Congresso da Intercom, 2004, Porto Alegre. *CD Rom do XXVII Congresso da Intercom*. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. *Mouseion*, v. 12, p. 129-159, maio/ago. 2012. ISSN 1981-7207.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. 52, p. 421–443, 2021.

BARROS, José D'Assunção (org.). *A historiografia como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2022. 396 p.

BASTOS, Andrey Ferreira. As eleições municipais de 1985 em Belém. In: ANPUH-PA – XII Encontro de História. Belém: Editora Cabana, 2020.

BITTENCOURT, Jean Guilherme Guimarães. *Entre as urnas e as togas: Justiça eleitoral e competição política no Pará (1982/86)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Belém, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007. 123 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-51.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. A oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 9-10.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965–1985). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 346-366, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.27983>

PETIT, Pere. *A esperança equilibrista: a trajetória do PT no Pará*. São Paulo: Boitempo/UFPA, 1996.

PETIT, Pere. O Golpe militar-civil e o partido dos militares (ARENA) no estado do Pará. *Historiae*, Rio Grande, v. 5, n. 2, p. 179-226, 2014.

PETIT, Pere; PEREIRA, A. R. E-Book - Amazônia História imediata. In: PEREIRA, Airton dos Reis; PETIT, Pere (orgs.). *Dinâmicas sociais, culturais e políticas na Amazônia do Tempo Presente*. Belém: Editora Cabana, 2021. v. 1, p. 123-136.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2010.

SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e história. *Iblos*, Rio Grande, v. 19, p. 109-125, 2006.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime Militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.